CONHECIMENTOS ACERCA DA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mário Hélio Antunes Pamplona[1] Poliana Carla Batista de Araújo[2] Wagner Maciel Sarmento[3] Romeryto Coelho P. de Almeida[4]

[1]*Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande,mario-helio@gmail.com*

[2]*Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, polianacarlaba@gmail.com*

[3]*Acadêmico de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande, waguinho_braga@hotmail.com*

[4]*Enfermeiro da Unidade Mista de Saúde Raimunda Mendes Pedrosa - Nazarezinho - PB, romeryto.almeida@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Os adolescentes são na maioria das vezes um grupo de difícil alcance, para ações de promoção e prevenção da saúde pelos profissionais da área, principalmente por estes não participarem ativamente das ações que ocorrem na Atenção Básica. Isso se agrava quando as atividades são ligadas à saúde sexual, devido ao tabu que rodeia este assunto, portanto fazem-se necessárias ações que proporcionem a sensibilização e interação destes indivíduos em ambientes que os mesmos sintam-se a vontade para questionamentos, sendo a escola um espaço propício para a construção de saberes através da educação em saúde.

A educação em saúde consiste em uma importante ferramenta de promoção da saúde, pois a partir do compartilhamento de saberes entre os envolvidos, possibilita o empoderamento individual e coletivo influenciando positivamente no cotidiano e na adoção de comportamentos saudáveis pelas pessoas, devendo, portanto, ser aplicado em todos os ambientes (CERVEIRA; PERREIRA, GOULART, 2011). É uma ferramenta que pode inclusive permear as rodas de conversas nas escolas.

A educação em saúde tem o intuito de propiciar a otimização de um pensamento crítico-reflexivo, visando modificar uma realidade, sugerindo ações capazes de transformar e instigar o ator social a exercer a sua autonomia e liberdade, enquanto indivíduo histórico-social, de tomar suas próprias decisões em relação ao autocuidado, além do familiar e coletivo (MACHADO et al. 2007).

Os enfermeiros, em meio às abordagens utilizadas dentro da sua profissão, têm como ferramenta estratégica a educação em saúde, que por sua vez age no combate a diversos agravos que afetam à população, sendo assim essa ferramenta, faz com que o profissional enfermeiro atue como

peça fundamental na realização de ações educativas, exercendo a sua função de educador e favorecendo o empoderamento da comunidade (SOUSA et al., 2010). Logo, a educação em saúde possibilita ao profissional um contato mais próximo com o ator social e a construção e compartilhamento de conhecimentos acerca de determinado tema.

Segundo Costa et al. (2013), os adolescentes constituem um grupo vulnerável as práticas sexuais e consequentemente, a DST/HIV e gravidez indesejada, por ser geralmente nesta fase que inicia-se a atividade sexual, muitas vezes de maneira desinformada e apresentando um comportamento de risco, desta forma, faz-se necessário que sejam realizadas educação em saúde para o compartilhamento de informações acerca dessa temática, com o intuito de sensibilizar esse público para a adoção de práticas seguras e atenuando, assim, essa vulnerabilidade.

Diante disso, a sexualidade é apresentada como um assunto de abordagem necessária principalmente frente aos adolescentes. Sendo assim, a educação direcionada à saúde sexual é imprescindível, principalmente pelo fato de ser nesta fase da vida que ocorrem inúmeras mudanças e descobertas sobre a sexualidade contribuindo para a exposição aos jovens a DST/AIDS.

O direcionamento de ações educativas ligadas a essa temática deve ser de abordagem dinâmica, que permita à sensibilização e entendimento de forma eficaz (ZOCCA et al., 2016).

Segundo Silva et al. (2009), a escola torna-se um ambiente próprio para relacionar educação, saúde e sexualidade, devido os adolescentes possuírem vínculos com as pessoas naquele ambiente por meio da convivência cotidiana.

Diante disso, é notória a importância da abordagem sobre saúde sexual e reprodutiva, principalmente com ênfase na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada com o público adolescente, pois mesmo esta temática, atualmente, aparenta ser debatida demasiadamente, estes indivíduos ainda são negligenciados perante as atividades sexuais, sendo ideal trabalhar a educação em saúde com esse público, principalmente no intuito do empoderamento dos jovens em função desta temática.

Dessa forma, o objetivo do estudo foi relatar a vivência da experiência de acadêmicos do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, frente à ação educativa para adolescentes buscando a sensibilização dos mesmos no que tange a conhecimentos sobre saúde sexual e reprodutiva.

I CONGRESSO BRASILEIRO em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios e CONGRESSO REGIONAL em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública
REALIZAÇÃO: CNPq UFCG CFP

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado por acadêmicos do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, durante uma atividade de educação em saúde, desenvolvida para estudantes do terceiro ano do ensino médio do Colégio Monteiro Lobato na cidade de Sousa-PB.

A atividade educativa foi realizada pelos acadêmicos, juntamente com os alunos e o professor titular responsável, que é gradudado em enfermagem, com uma abordagem interativa acerca de temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva, explanando algumas DSTs e métodos contraceptivos. O público alvo era composto por 30 adolescentes entre 16 e 18 anos de idade.

Foi proposto um circuito para avaliar os conhecimentos prévios dos estudantes, através de três cartolinas fixadas no quadro, contendo os seguintes tópicos: DST/IST, sintomas e métodos contraceptivos; os alunos dividiram-se em três grupos com um único representante cada, para anotar as informações coletadas pelo grupo, com um tempo de 30 segundos, nos quais devia ocorrer o rodízio entre os temas, finalizando quando todos os grupos escrevessem em todas as categorias.

Posteriormente foi debatido sobre doenças e infecções sexualmente transmissíveis, enfatizando a diferença destes termos, os sinais e sintomas, as complicações, formas de transmissão, diagnóstico e tratamento, bem como houve a apresentação dos métodos contraceptivos. No final da educação em saúde, houve a distribuição de preservativos, como maneira de sensibilização e estímulo à prática de sexo protegido.

I CONGRESSO BRASILEIRO em Violência na Perspectiva da Saúde Pública:Experiências e Desafios
I CONGRESSO REGIONAL em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública
REALIZAÇÃO: CNPq CFP

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sexualidade ainda é considerada um tabu pela sociedade contemporânea, sua abordagem, principalmente entre os jovens é tida como delicada, devido muitos indivíduos costumarem apontar ações que tratem deste assunto como um incentivo a prática sexual para os adolescentes. Porém, é importante ressaltar que as atividades de educação em saúde devem ser realizadas com base no comportamento, contexto social, valorização das experiências e conhecimentos prévios do público alvo.

Dessa forma, levando em consideração que as práticas sexuais dos adolescentes na atualidade estão sendo cada vez mais precoces, é importante que haja uma informatização e sensibilização sobre a temática no início da adolescência a partir de estratégias que proporcionem ao indivíduo acesso prévio a informação principalmente relacionada à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez (GONÇALVES et al., 2015).

No desenvolver da ação educativa, os jovens participantes demonstraram interesse e conhecimento sobre o assunto, permanecendo atentos e participando ativamente por meio de relatos e questionamentos no decorrer da atividade, isso propiciou o compartilhamento de informações de maneira simples e fácil. Outro ponto que influenciou para um melhor andamento da atividade foi o fato dos indivíduos estarem em ambiente escolar, onde se sentiam à vontade e familiarizados.

As DSTs são definidas como doenças ocasionadas por microrganismos vivos, com poder de transmissão, e sua infecção se difunde por vetores, o próprio ambiente e o ser humano. Fazem parte das metas a serem alcançadas pela saúde pública a regressão dos casos de DSTs, e melhorar a qualidade de vida da população, visto que essas doenças são responsáveis por milhares de óbitos no mundo (CARNEIRO, et al. 2015).

As DSTs que foram explanadas em sala de aula foram solicitadas pelo professor, tendo como exemplo: AIDS, sífilis, gonorreia, hepatites, herpes, tricomoníase e condiloma acuminado. Os jovens mostraram interesse em relação aos sinais e sintomas, e questionaram quanto ao tratamento das doenças, formas de transmissão e cura.

É necessário o desenvolvimento de ações elaboradas, principalmente pelos setores da educação e saúde, voltadas para os jovens escolares, resguardando suas decisões e subjetividades, além de entender a sua sexualidade, o desenvolvimento do autocuidado e do próximo, atentando também para as questões psicológicas, sem esquecer-se de incentivar políticas publicas voltadas para esses jovens (CAMPOS, et al. 2013).

Em relação aos métodos contraceptivos, são todas as maneiras disponíveis para evitar uma gravidez, sejam eles: temporários ou irreversíveis. Segundo Madureira, et al. 2010, esses métodos possibilitam gozar da sexualidade sem que ocorra os riscos de contrair DSTs, possibilitando uma vida sexual saudável e evitando uma gravidez indesejada, já que é um direito do jovem a prática do sexo sem funções reprodutivas.

Foi disponibilizado para os alunos diferentes tipos de métodos contraceptivos. Os de barreira como exemplo, a camisinha masculina e feminina e diafragma. Os hormonais foram divididos em orais e injetáveis, também foi explicado sobre os métodos irreversíveis, no caso da laqueadura e vasectomia, além dos comportamentais: lactação e amenorreia (LAM), coito interrompido, tabelinha, muco cervical e temperatura basal, lembrando que esses não são aconselháveis por ser falhos, dependem muito da fisiologia de cada indivíduo, e lembrando que esses métodos não previnem as DSTs.

As escolas, apesar de apresentar-se como um ambiente propício para tratar sobre este tema, na maioria das vezes não cumpre esta função de forma eficaz. A educação sexual em ambiente escolar é negligenciada, isso muitas vezes pode ser explicado pelo despreparo e receio dos docentes para abordarem este assunto, diante disso, os adolescentes são prejudicados por não terem acesso a informações nem por parte da família nem pela escola, se colocando em risco ao compreender e descobrir a sexualidade de maneira perigosa (COSTA, 2011).

O posicionamento do professor e da escola visitada foi admirável, principalmente pelo esforço em buscar abordar essa temática entre os jovens. Ao decorrer das atividades, foi notória a interação entre todos, alunos, discentes e professor, e foi perceptível o vínculo que foi criado, durante essa ação em saúde.

Foi possível notar através dos relatos dos alunos, o aprendizado que os mesmos adquiriram com o tema, e a relevância que este tem para as suas vidas, visto que trata-se de um tema atual e que os jovens sempre buscam absorver, principalmente por estarem se descobrindo sexualmente nesta fase da vida.

CONCLUSÃO

Visto a relevância do tema e o empenho que todos os alunos demonstraram em buscar aprender cada vez mais sobre o que estava sendo debatido, torna-se evidente a necessidade de realizações de atividades de educação em saúde com esse tipo de público, voltadas para as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, métodos contraceptivos e utilizando principalmente a escola como local para disseminação desses assuntos, visto que é onde o jovem permanece grande parte do seu tempo, e sente-se acolhido por encontrar-se junto aos outros colegas.

A educação em saúde através da metodologia ativa permite uma maior interação do público com o tema. O profissional enfermeiro por encontra-se em contato direto com a população, torna-se indispensável nesse processo de ensino-aprendizagem, possibilitando aos jovens tornarem-se formadores de opinião, esclarecidos e menos propícios a fatores de risco, transformando assim em uma experiência ímpar para os mesmos.

A apresentação dos métodos contraceptivos foi uma forma de buscar incentivar o uso, e retirar as dúvidas e anseios quanto aos diversos tipos diferentes que existem no mercado, valendo salientar que no decorrer de todo o processo educacional, não foi estimulada a prática do ato sexual pelos jovens, mas sim buscado a sensibilização e a importância de conhecerem as responsabilidades que esses atos acarretam na vida dos mesmos.

I CONGRESSO BRASILEIRO em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios e CONGRESSO REGIONAL em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública
REALIZAÇÃO: CNPq CFP

REFERÊNCIAS

SOUSA, L.B; TORRES, C.A; PINHEIRO, P.N.C; PINHEIRO, A.K.B. Práticas de educação em saúde no Brasil: a atuação da enfermagem. **Rev enferm UERJ**. 2010; 18: p.55-60. Acesso em 28 setembro de 17. Disponível em:< http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a10.pdf>.

MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa et al . Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 12, n. 2, p. 335-342, Apr. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Sept. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000200009

ZOCCA, Adriana Rodrigues et al. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 6, 2016.

CERVERA, D. P. P.; PARREIRA, B. D. M.; GOULART, B. F. Educação em saúde: percepção dos enfermeiros da atenção básica em Uberaba (MG). **Cien Saude Colet**. v. 16, n. 11, p. 1547-1554, 2011.

COSTA A. C. P. J. et al. vulnerabilidade de adolescentes escolares às dst/hiv, em imperatriz – maranhão. **Rev Gaúcha Enferm**. v. 34, n. 3, p. 179-186, 2013.

GONÇALVES, M. et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **REV BRAS EPIDEMIOL.** v. 18, n. 1, p 25-41, 2015.

SANTOS, Lucinéia de Assis Costa. **Sexualidade na adolescência**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio. Universidade Federal do Paraná.

SILVA, K. L. Métodos contraceptivos: Estratégia educativa com adolescentes. **Rev. Rene. Fortaleza**, v. 10, n. 1, p. 145-151, 2009.

CAMPOS, H. M.; SCHALL, V. T.; NOGUEIRA, M. J. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a pesquisa nacional de saúde do escolar (PeNSE). **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 37, n. 97, p. 336-346, 2013.

MADUREIRA, et al. CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: CONHECIMENTO E USO. **Cogitare Enfermagem** [en linea] 2010, 15 (Enero-Marzo) : [Fecha de consulta: 9 de octubre de 2017] Disponible en:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648970019> ISSN 1414-8536

I CONGRESSO BRASILEIRO em Violência na Perspectiva da Saúde Pública:Experiências e Desafios
e
I CONGRESSO REGIONAL em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública
REALIZAÇÃO: CNPq UFCG CFP